

MUROS EM (DIS)CURSO: A ARTE DO GRAFITE EM RIBEIRÃO PRETO-SP

Isabela Araújo Santos¹
Fabiana Claudia Viana Borges²

RESUMO: A pesquisa aqui apresentada objetiva expor uma reflexão acerca dos discursos usados por grafiteiros em suas obras na cidade de Ribeirão Preto-SP, verificando como o funcionamento dessas manifestações perpassam a história e (signi)ficam nos dias atuais. Por esse motivo, o grafite será analisado neste trabalho considerando a circulação em diversos muros da cidade. A fim de atingir aos objetivos aqui propostos, foram coletadas imagens de grafites pelos muros de Ribeirão Preto de forma aleatória, ou seja, presentes no centro da cidade a bairros diversos. A seleção das imagens foi feita por gestos de interpretação, priorizando imagens que evidenciam posicionamentos distintos. As análises aqui apresentadas, embasadas pela Análise do Discurso de linha francesa, que tem como precursor Michel Pêcheux, buscam interpretar os modos de inscrição desses discursos em formações discursivas que evidenciam posicionamentos distintos.

PALAVRAS- CHAVE: Grafite; Muros; Análise do Discurso.

ABSTRACT: The research presented here aims to expose a reflection about the speeches used by graffiti artists in their works in the city of Ribeirão Preto-SP, verifying how the manifestations work through history and (signi) remain in the present day. For this reason, the graphite will be analyzed in this work considering the circulation in several walls of the city. In order to reach the objectives proposed here, images of graffiti were collected on the walls of Ribeirão Preto at random, that is, present in the city center to various neighborhoods. The selection of the images was done by gestures of interpretation, prioritizing images that show different positions. The analyzes presented here, based on the Analysis of the French Speech Discourse, which has as precursor Michel Pêcheux, seek to interpret the ways of inscribing these discourses in discursive formations that show different positions.

KEYWORDS: Graphite; Walls; Speech analysis.

1. Introdução

As cidades contemporâneas são marcadas por um grande número de variados estímulos visuais, o que inclui placas de estabelecimentos comerciais, letreiros luminosos, outdoors, banners e cartazes. Além dos anúncios publicitários, há ainda placas indicativas de lugares, nomes de prédios, sinais de trânsito, propagandas políticas, etc. Tudo isso faz parte da paisagem linguística (e social) urbana, assim como as inscrições em muros, viadutos e até em monumentos públicos, constantemente marcados com palavras ou letras inscritas em tinta aerossol. Essas inscrições são denominadas pichações que invadem locais de visibilidade e “agridem” a visão; vistas como uma invasão, encontra-se uma grande quantidade que se renova a cada vez que um local é restaurado. Quando as condições são favoráveis, os sujeitos têm sua página em branco, na Escola, no modo como o Estado nos individualiza como sujeitos capitalistas de direitos e deveres, sujeitos do conhecimento, letrados. Na sua falta,

¹ Graduanda em Letras pelo Centro Universitário Moura Lacerda. E-mail: isanntos@hotmail.com

² Professora Dra. No Centro Universitário Moura Lacerda. E-mail: fabiana.borges@mouralacerda.edu.br

esses sujeitos têm, no muro recém pintado, a página em branco onde inscrever-se simbolicamente, onde escrever, com seus sinais gráficos elaborados, sentidos de produção simbólica (ORLANDI, 2009, p.62).

Na trilha da pichação, surgiram pinturas coloridas, denominadas grafites, que por serem uma expressão artística mais aceita pelo público, encontram-se em expansão. E essas formas de representações sensíveis lembram-nos que o espaço da cidadania é ocupado em movimentos coletivos num jogo de dispersões e individualidades, revelando um impulso de buscar a significação do mundo.

Pichadores e grafiteiros têm uma busca incessante de mostrar quem realmente são e no que acreditam, por isso, vêm modificando o objetivo de seus trabalhos, dando espaço para diversos assuntos, sejam eles políticos, sociais, territoriais ou até individuais, feitos através de desenhos, palavras, letras cifradas, entre outros.

Neste trabalho, será considerado apenas a produção de sentidos e significações que as obras do grafite apresentam, ressaltando como, ao longo dos anos, os discursos vêm se modificando juntamente com a opinião pública e a expansão da Internet, especialmente as redes sociais, que divulgam, circulam e propagam essa manifestação.

2. O tempo e os muros

Nas civilizações mais antigas, como os egípcios, ocorria a narração de fatos em hieróglifos nas paredes dos túmulos dos faraós. Apesar de predominar a função decorativa e a aplicação de técnicas requintadas, ainda pode-se distinguir e perceber relatos e mensagens que tinham como finalidade retratar os objetivos, os feitos e os cultos aos grandes líderes (GITAHY, 1999, p.30). Mais tarde, historiadores documentam o retorno dos desenhos na Grécia e Pompéia.

Em nossos tempos, temos como registro oficial o aparecimento do grafite em Paris, em maio de 1968, a partir do movimento de opressão política que resultou em rebeliões nas ruas. Com sua extrema liberdade de expressão e de registro, pronuncia-se de forma democrática e descomprometida com qualquer limitação espacial ou ideológica (GITAHY, 1999, p.33). Evidencia-se com marcas, logotipos, rabiscos, ícones e símbolos, que separados ou reunidos, compõem determinadas significações que se dispersam e se agrupam, formando grandes painéis que registram nomes, sobrenomes, palavras de ordem, de amor e humor,

mensagens, letras, imagens, poemas, provérbios, entre outros, configurando-se em segmentos sociais que podem vir a ser lidos por todos. Num tumulto de registros simbólicos e icônicos, vão pegando carona nos diferentes espaços urbanos, percorrendo a cidade e fazendo história.

Segundo Orlandi, (2009, p.105),

A escrita no espaço urbano se escreve/grafa/inscreve-se no símbolo que faz parte de como a cidade se significa, ou seja, de como o social constitui-se, na medida em que, no mundo contemporâneo, o social é significado predominantemente pelo imaginário urbano. Situando o sujeito e seus modos de significar (-se), identificar-se, individualizar-se (ORLANDI, 2009. p.105).

Grafitadores possuem uma necessidade incessante em mostrar quem são. Como Gitahy (1999, p. 23) lembra que Ivan Sudbreck, um dos principais artistas de rua da geração 80 do grafite, dizia entusiasmado: “A arte sempre será o reflexo social de um povo”. E é isso que esses indivíduos transmitem em suas obras, seus valores, crenças, aspirações que giram junto à sociedade.

3. Os diferentes dizeres dos grafites

O grafite no Brasil nasceu como forma de resistência quanto ao poder militar que se instaurava na época. As frases grafadas eram de caráter protestante, humorísticas e, também, enigmáticas. Por ser considerada ilegal e subversiva, de caráter político, esta atividade acontecia sempre à noite. Esta manifestação artística se popularizou no Brasil e em vários países pelo mundo, por isso, com o passar dos anos, a sociedade e os órgãos governamentais começaram a aceitá-la. Então, em 25 de maio de 2011, a Lei n. 12.408, descriminaliza o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. A lei subverte a ideia de que não somente as frases poderiam evidenciar o funcionamento do discurso, mas também os desenhos, inscritos em muros autorizados, coloridos e com uma maior aceitação do público. Como é possível notar nos grafites analisados abaixo:



Imagem 1: acervo pessoal.

Esse grafite está localizado na rua Tibiriçá no centro de Ribeirão Preto. Essa foi uma das obras “encomendadas” pelos comerciantes e o Sesc da cidade. Podemos notar que o autor se utilizou de cores neutras, quentes e frias para produzir seu trabalho: a espera pelo ônibus. Curiosamente, a parede onde este grafite se encontra próximo a um ponto de ônibus bem movimentado na cidade. Um gesto de interpretação permite dizer que o autor empregou diferentes etnias, gêneros, religiosidades e nacionalidades, juntamente com características físicas distintas para abordar um único tema.

É possível notar, no último plano da imagem, bem apagado (cores frias e neutras), um morador de rua, este está quase sem vestimentas, com mosquitos ao redor, um prato de comida e um cachorro abaixo de seu braço. Mesmo com condições de vida precaveis, essas pessoas estão na sociedade e passam despercebidas ou causam medo, como se fizessem parte da “paisagem”, isso pode ser evidenciado pela postura das pessoas ao redor do indivíduo: uma senhora de costas e um senhor com uma expressão um tanto quanto preocupada e incomodada.

Outro personagem bem marcante no grafite é o (terceiro da esquerda para a direita) sertanejo. O grafiteiro utilizou-se de cores quentes para marcá-lo, o que sugere uma certa esperança no indivíduo ao ingressar no estado de São Paulo a procura de uma vida melhor, porém este não encontra aquilo que tanto sonhava e esperava, isso é demonstrado por sua expressão facial, que quase apagada e inexpressível, mostra com frieza a vida dura e sofrida que tem todos os dias.

Ao lado do sertanejo, o grafiteiro criou um personagem com cores predominantemente quentes, de baixa estatura vestindo uma máscara do Homem Aranha. Essa representação é marcada pelas crianças que “trabalham” dançando nos “trenzinhos” em toda a cidade. Essa

prática ficou muito conhecida e procurada (principalmente em festas infantis) depois do sucesso da “Carreta Furacão”, o que levou diversas pessoas a procurarem seus e outros serviços semelhantes. Assim, esse mercado cresceu, e levou as crianças consigo dançando fantasiadas de diferentes personagens. As cores quentes podem sugerir a alegria em tal ação, pois mesmo “recebendo” (ou não) muito pouco, essas crianças estão dispostas a sair em dias (principalmente finais de semana) à noite para “trabalhar” se divertindo.

A seguir temos um grafite feito por meio de um projeto do SESC pelo grafiteiro Lenin:



Imagem 2: acervo pessoal.

Nessa imagem, é possível ver a marcação de cores extremamente presente. Do lado direito para o esquerdo há uma transgressão de cores frias para as cores quentes e, ao fundo, o uso de cores neutras (pastéis). Por meio de uma entrevista (SILVA, 2018, p.5), o autor do grafite disse que sua intenção foi transmitir o “escape” que o personagem tem quanto aos carros, caminhões e fábricas que estão agredindo o meio em que ele e outras pessoas vivem. Por isso, carregando uma trouxa, sai desse espaço poluído para um lugar com árvores, flores, pássaros e céu aberto. A sua expressão facial produz um efeito de tranquilidade quanto à ação que está executando. A próxima obra de grafite, localizada em uma das principais avenidas de Ribeirão, foi feita por um artista local reconhecido nacionalmente e internacionalmente: Lobão. Em uma de suas visitas à cidade, foi convidado pela moradora e também dona do condomínio a abrir caminhos aos que vivem no município e querem trabalhar com isso, portanto criou uma obra de cunho realista retratando diferentes pessoas.



Imagem 3: acervo pessoal.

Uma das pessoas retratadas por Lobão é Marielle Franco, defensora dos direitos humanos, feminista, socióloga e política brasileira, morta a tiros na região central do Rio de Janeiro com uma forte hipótese de um crime premeditado. No desenho, o grafiteiro marcou-a como pilar de todos ali representados, utilizando cores neutras (preto e branco) e um pilar colorido (amarelo) ao fundo. Sua expressão, principalmente o olhar, evidencia uma mulher que enxergava além das barreiras criadas pela sociedade e que lutava por seus direitos e do próximo sem pestanejar.

Ao lado esquerdo de Marielle temos Liniker, vocalista da banda “Liniker e os Caramelows”. Liniker ficou conhecida depois de lançar algumas músicas e ganhar milhões de visualizações na internet. Seu estilo autêntico mostra a resistência em ser quem é, misturando “características femininas e masculinas”. Liniker destaca que seu visual desconstrói de forma enfática os códigos imputados ao sexo masculino, sendo que, como intérprete e pessoa, não se define como homem, nem como mulher. Em uma entrevista, recebeu um questionamento acerca do pronome de tratamento pelo qual prefere que lhe refiram. Liniker respondeu que prefere o pronome feminino: "Acho mais amplo. Dizer ‘ele’ me deixa muito na caixinha do masculino". No grafite, ela é representada com cores neutras e seu batom fortemente marcado pela cor vermelha. Sua expressão facial mostra a força que carrega dentro de si juntamente com seu olhar profundo a quem o olha.

É importante marcar que Lobão, o autor da obra, a batizou como “Viva as diferenças ou respeite as diferenças”, marcando a singularidade de cada pessoa representada no desenho bem como sua aceitação dentro do social (FERNANDES, 2018, p.7).

A próxima imagem faz parte de um projeto cultural do Sesc, feita pelos grafiteiros Kall, Kita e Leser encontrada no centro da cidade:



Imagem 4: acervo pessoal.

É necessário ressaltar que, anteriormente, nesse muro havia o grafite da Imagem 5, este fora coberto para que o novo projeto do mês de novembro do Sesc fosse feito, o assunto voltado principalmente para a área da saúde se intitulou “Boca, pra que te quero?”.

Nesse grafite é possível notar uma fusão de cores que, ao final, se complementam, pois, seu fundo permanece o mesmo (preto) em toda a imagem. Há uma mistura de diferentes formas de bocas, realizando atos diversos, como o sopro, o canto, a risada, o beijo, a mordida e o grito, além de todos os marcos encontrados no grafite, há uma frase do poeta brasileiro Manoel de Barros: “Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revolucionou”, que sugere uma forte marcação da boca ao falar, pois não há palavra, não há frase sem o seu enunciador, sem o ser que a coloca em (dis)curso.

Além desta imagem, outros grafites também foram feitos durante o projeto, este complementa-se junto a imagem 8.



Imagem 5: acervo pessoal.

Este grafite, também feito por Lenin (Imagem 6) e Biu, mostra como podemos fugir dessa sociedade mecânica dependente de automóveis, estes são representados pela cor azul (cor fria), juntamente com a cor verde transmitida por meio dos poluentes que existem nos automóveis, a cor verde é muito usada em desenhos animados quando o personagem está doente ou com nojo de alguma coisa, transparecendo assim, uma característica negativa. Diferentemente da cena em questão, o ciclista, marcado pelas cores quentes (vermelho e derivados) transmite uma expressão positiva em relação ao episódio em seu lado. Além do ciclista, é possível ver uma senhora, também marcada com cores quentes atravessando a rua, esta carrega um carrinho e uma sacola cheia de sprays, desconstruindo a ideia de que somente jovens podem fazer grafites.

Faz-se necessário ressaltar que, em uma conversa informal, funcionários do Sesc e moradores da região relataram que o dono do estabelecimento não permitiu que os grafiteiros fizessem sua arte em seu muro, embora esta proibição não tenha impedido que os artistas terminassem o trabalho planejado inicialmente, pois continuaram o desenho na parede seguinte. Este feito nos relata a ideia de que, mesmo sendo grafite, algumas pessoas não gostam ou se sentem incomodadas, confundindo, muitas vezes, com a pichação:



Imagem 6: acervo pessoal.

Por fim, a próxima imagem, também referente ao projeto do Sesc, traz para nós um pouco de uma cultura diferente das cidades:



Imagem 7: acervo pessoal.

Esse grafite nos mostra um pouco da cultura indígena que, atualmente, está apagada. A obra apresenta uma mistura de diferentes tonalidades, reforçando assim, a ideia da diversidade

encontrada nesse espaço. É possível identificar um índio caminhando em meio a mata com vários animais, muitos selvagens, como a onça e a cobra e outros silvestres como a arara, os macacos e as capivaras, fazendo retomar a ideia de que o índio é tão selvagem quanto silvestre. A expressão contida na face de cada um, mostra que, de certa forma esse cenário vive sua própria harmonia que por vezes lhe é tirada pelo homem “empreendedor”.

4. Encontros e desencontros do grafite

Grafitar, nos dias de hoje, considerando toda a expansão da internet e da tecnologia em geral, tornou-se uma forma de (contra) poder e resistência evidenciado por meio de suas diversas intenções, principalmente as políticas e sociais.

Grafitadores têm uma busca incessante de mostrar quem realmente são e no que acreditam, à vista disso, vêm modificando o objetivo de seus trabalhos, dando espaço para diversos assuntos, sejam eles políticos, sociais, territoriais ou até individuais. Feitos por meio de desenhos, palavras, letras cifradas, entre outros. Essas formas de representações sensíveis lembram-nos que o espaço da cidadania é ocupado em movimentos coletivos num jogo de dispersões e individualidades, revelando um impulso de buscar a significação do mundo.

Imagens de grafites têm sido, cada vez mais, veiculadas nas redes sociais, o que nos mostra uma população com um olhar diferente e cuidadoso para esses “desenhos desorganizados”. Esta manifestação artística pode nos mostrar uma interferência no espaço urbano, espontaneidade, efemeridade e mais: carrega em si a transgressão e, por isso, só existe em sociedades razoavelmente abertas (ORLANDI, 2004, p.54).

Os estudos bibliográficos realizados permitem considerar o grafite como arte que existe e perpassa a linha do tempo. Assim, com as pesquisas e imagens coletadas em diversos pontos da cidade de Ribeirão Preto, é possível concluir que, os espaços disponíveis para que o grafite possa ser exercido são poucos, e a maioria da população não sabe e muito menos frequenta tais lugares.

Há algum tempo, houveram apagamentos de pichações em uma famosa avenida localizada no centro da cidade, no lugar, um trabalho com grafite (imagens 1 e 2) foi feito à luz do dia, solicitado pelos comerciantes e o Sesc de Ribeirão Preto-SP. Em uma entrevista (SILVA, 2018, p.37), o grafitador disse que colorir o centro da cidade com imagens representativas para a população era necessário, pois os espaços para o grafite na cidade não são muitos. A maioria dos moradores da cidade gostou muito da ideia, mas uma parcela

menor, principalmente grafiteiros, discordou, uma vez que a arte fora “encomendada” para um grafiteiro bem conhecido, e esse espaço que poderia ser de muitos artistas, se destinou apenas a um. E isso nos faz pensar até que ponto os espaços para que o grafite possa ser feito são realmente concedidos e não apenas determinados.

Dessa é possível pensar que por entre os muros há um registro de memória dos sujeitos, que marca as origens e os deslocamentos, é uma leitura do mundo social, cultural, linguístico, ideológico de muitos grafiteiros, é um modo de não só ver, mas enxergar as obras e seus autores.

Referências

- AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução: Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo, SP: Contexto, 2005.
- BECKETT, W. *Historia da pintura*. Editora Ática, São Paulo. 1997
- BRASIL. *Lei nº 12.408*, de 25 maio de 2011. Lei de descriminalização do ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. Brasília, 2011. 48p.
- FERNANDES, J. *Avenida de Ribeirão ganha grafite realista de Lobão*. Ribeirão Preto, 2018. Disponível em: <<http://www.cbnribeirao.com.br/lazerecultura/NOT,0,0,1335686,avenida+de+ribeirao+ganha+grafite+realista+de+lobao.aspx>>. Acesso em: 08 ago. 2018.
- FIORIN, J. L. *Elementos de Análise do Discurso*. 15 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2011, 128 p.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. 15 ed. São Paulo, SP: Ática, 2004, 156 p.
- GITAHY, C. *O que é Graffiti*. 3 ed. São Paulo, SP: Hedra Ltda, 1999, 88 p.
- JORNAL *Gazeta do Povo – Paraná*. Caderno G – Matéria de Marcos Zibordi publicada 11/11/2011.
- KNAUSS, P. *Grafite Urbano Contemporâneo*. In: Sônia Torres (org.). *Raízes e rumos – perspectivas interdisciplinares em estudos americanos*. 7. ed. Letras, p. 334- 353. Rio de Janeiro, RJ. 2001.
- LAZZARIN, L. F.. Grafite e o Ensino da Arte. *Revista Educação & Realidade*. 32(1): 59-74, jan/jun. 2007.
- ORLANDI, E. *Análise De Discurso*. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. 98 p.
- ORLANDI, E. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004. 160 p.
- ORLANDI, E. *A Linguagem e Seu Funcionamento*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996. 278 p.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso*. Ed. Unicamp, Campinas, SP. 1975. 168 p.
- RAMOS, C. M. A.. *Grafite, Pichação & Cia*. São Paulo: Annablume, 1994.
- SILVA, B. Conheça os artistas por trás do graffiti em Ribeirão Preto. *Revide*. Ribeirão Preto, 2018. Disponível em: <<https://www.revide.com.br/noticias/cultura/conheca-os-artistas-por-tras-do-graffiti-em-ribeirao-preto/>>. Acesso em: 06 ago. 2018.